

[Início](#) / [Economia](#) / Bolsa sobe e dólar cai com voto pró-Temer na Câmara

Bolsa sobe e dólar cai com voto pró-Temer na Câmara

Ibovespa tem alta de 0,93% e volta ao patamar anterior às denúncias de Joesley Batista contra o presidente. Divisa norte-americana recua para R\$ 3,12. Analistas, porém, mostram cautela ao avaliar força do governo para encaminhar as reformas

postado em 03/08/2017 06:00 / atualizado em 03/08/2017 00:40

 **Hamilton Ferrari - Especial para o Correio**

O mercado teve uma reação positiva à decisão da Câmara dos Deputados de negar a abertura de processo contra o presidente Michel Temer por corrupção passiva. Apesar disso, analistas financeiros fazem uma avaliação cautelosa sobre a força política do governo para encaminhar a agenda de reformas no Poder Legislativo. De olho na votação, a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) e o dólar fecharam o dia com resultados positivos. Na bolsa, os investidores se animaram no início da manhã, quando o governo conseguiu atingir o quórum necessário para abrir a sessão. No fim do dia, a bolsa mostrou alta de 0,93%, com o Ibovespa, principal indicador dos negócios, atingindo 67.135 pontos, patamar em que estava antes de virem à tona as acusações de Joesley Batista, dono do grupo JBS, contra o presidente. O dólar registrou queda de 0,19% e fechou cotado a R\$ 3,120.

A alta da bolsa e a queda do dólar também tiveram influência externa, lembrou o analista da BullMark Hugo Monteiro. “Não foi apenas o otimismo do mercado interno. O ambiente externo tem feito o dólar cair porque há muita incerteza sobre a política fiscal expansionista do presidente Donald Trump, que poderia fortalecer a moeda norte-americana”, explicou.

O Credit Default Swap (CDS), espécie de seguro usado pelos bancos nos empréstimos a grandes empresas e países, diminuiu 1,42% e foi para 204,4 pontos no caso do Brasil. É o menor patamar desde 16 de maio, na véspera do vazamento do acordo de delação premiada de Joesley Batista.

Juros

No mercado interno, os juros futuros tiveram queda. A taxa dos contratos com vencimento em janeiro de 2018 caiu 3 pontos-base, para 8,20% ao ano. Os juros das operações com prazo até janeiro de 2021 tiveram queda de 10 pontos-base, para 9,22%. Rogério Storelli, gestor da GGR Investimentos, disse que os juros só têm uma direção: para baixo. “Há novas mínimas todos os dias, muito em função da sinalização do Banco Central de que vai continuar cortando a Taxa Selic. O movimento deve continuar”, disse.

Apesar da melhora nos indicadores de mercado, o fim do embate sobre a denúncia no Congresso Nacional não quer dizer que o governo vai conseguir aprovar com facilidade as medidas necessárias para ajustar as contas públicas e destravar o crescimento da economia. Alguns especialistas acreditam que o Planalto terá dificuldade de dar qualquer demonstração de força neste ano, principalmente na votação da reforma da Previdência Social, que está estagnada na Câmara dos Deputados desde maio.

Segundo **Alex Agostini, economista da Austin Rating**, o resultado da votação de ontem deve ter sido o “grande e último” esforço do presidente para salvar o mandato. “Não há nenhuma condição de aprovar as

reformas. As articulações podem até surtir efeito, mas não para alcançar a aprovação, principalmente a da Previdência. Qualquer reforma para este ano está descartada”, declarou.

Fatiamento

A possibilidade de fatiamento da reforma também é uma solução que fica mais distante, na visão do especialista. O governo poderia aprovar alguns pontos da Proposta de Emenda Constitucional (PEC 287/2016) que não precisassem de quórum qualificado, mas há uma grande fragilidade do Planalto com a base aliada, que, inclusive, pode ter o desembarque do PSDB depois de o partido orientar os deputados a votarem contra a denúncia.

“Mudou o contexto. Talvez, se a economia se fortalecer e melhorar a visibilidade do governo, Temer pode pensar numa estratégia para aprovar partes da reforma em 2018, mas, para este ano, é pouco provável”, disse **Agostini**.

Antes disso, o governo ainda têm assuntos pendentes para resolver. A primeira grande batalha que o governo precisará enfrentar nas próximas semanas é a alteração da meta fiscal. A equipe econômica estabeleceu um deficit de R\$ 139 bilhões para 2017 e de R\$ 129 bilhões para o ano que vem. O mercado já sabe que, para atingir esses números, seria necessário um esforço político que o Planalto não tem na manga. Como foi antecipado na edição de ontem do Correio, o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, deve bater o martelo sobre as mudanças na próxima semana e a meta deste ano pode ir para um valor entre R\$ 150 bilhões e R\$ 155 bilhões.

O economista Pedro Coelho Afonso disse que a meta fiscal perdeu a credibilidade no mercado financeiro. “Mudar o deficit previsto não resolve a situação. É apenas uma manobra que, a curto prazo, soluciona os problemas políticos, mas é um ato de empurrar com a barriga. Enquanto não tiver uma mudança que seja definitiva, vamos continuar a correr atrás de uma meta que todos sabem que será alterada”, criticou.

Combustível mais barato

A Petrobras vai reduzir, a partir de hoje, em 1,3% o preço da gasolina e em 1,8% o do diesel. A nova política de revisão de preços foi divulgada pela petroleira em 30 de junho. Com o novo modelo, a estatal espera acompanhar as condições do mercado e enfrentar a concorrência de importadores. Em vez de esperar um mês para ajustar os preços, a Petrobras agora avalia as condições do mercado para se adaptar, o que pode acontecer diariamente. Além da concorrência, na revisão de preços pesam as informações sobre o câmbio e as cotações internacionais.